

FACULDADE ISEAT/IPEMIG

KLEBER DA SILVA CONCEIÇÃO
Matricula: 395510335

KLEBER DA SILVA CONCEIÇÃO

BELO HORIZONTE – MG
2019

KLEBER DA SILVA CONCEIÇÃO
Matricula: 395510335

A SOBERANIA DE DEUS
Um Mergulho na Convergência Espiritual das
Grandes Tradições Religiosas

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade Nova
Ateneu/IPEMIG como pré- requisito
para obtenção do título de especialista
em Teologia.

RESUMO

Uma visão 360° (trezentos e sessenta) graus sobre a soberania de Deus e a maneira de como as nações do mundo o conhecem, onde a ideia de paganismo pode ser refutada ou até mesmo reestruturada nos conceitos mundiais. Sabendo-se que na atualidade oito religiões destacam-se como as maiores, porém, o objetivo deste artigo é destacar a linha tênue que permeia e existe em comum a entre todas as culturas religiosas.

Palavras-chave:

Budismo, Cristianismo, cultura, Deus, doutrinas, Espiritismo, história, mundo, Islamismo, Judaísmo, nações, paganismo, povos, Religião tradicional chinesa, religião, Sikhismo, Soberania.

SUMMARY

A three hundred and sixty-degree view of God's sovereignty and the way the nations of the world know him, where the idea of paganism can be refuted or even restructured in worldly concepts. Currently eight religions stand out as the largest, but the purpose of this article is to highlight the tenuous line that permeates and exists in common among all religious cultures.

Key words

:

Buddhism Christianity culture God doctrines Spiritism history world Islam Islam Judaism nations paganism people Traditional Chinese religion, religion, Sikhism, Sovereignty.

Sumário

1 – INTRODUÇÃO.....	6
2 – AS RELIGIÕES DO MUNDO.....	7
3 –MISSÃO, SINERGIA E CONCEITO.....	14
4 – A ORIGEM DO NOME DEUS.....	17
5 – TABELA 1 – AS SIMILITUDES ENTRE AS RELIGIÕES.....	22
6 – DEUS PREPARA OS POVOS PARA O EVANGÉLIO.....	25
7 – DEUS PREPARA OS POVOS PARA O EVANGÉLIO	27
8 – A BIBLIA CONFIRMANDO A OBRA.....	32
9 – CONCLUSÃO.....	34
10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	35
1 - NOTA.....	37

1 – INTRODUÇÃO.

O presente artigo tem como objetivo ressaltar a linha tênue que todas as culturas e religiões do mundo compartilham, a partir da frase “Todos os caminhos levam a Deus” o interesse na pesquisa e desenvolvimento do presente foi aguçada desde então, o engajamento foi necessário para o convencimento do leitor.

INTRODUCTION

The present article aims to highlight the tenuous line that all cultures and religions of the world share, from the phrase "All roads lead to God" the interest in research and development of the present was sharpened, since then the engagement was necessary to convince the reader.

2 – AS RELIGIÕES DO MUNDO.

Com tantas doutrinas espalhadas pelo mundo, é até difícil precisar quais têm os maiores números de seguidores, ou qual é a melhor, porém, o objetivo deste artigo não é quantificar ou enaltecer esta ou aquela religião e sim ressaltar o elo em comum que esta incutido em todas elas.

A frase “**Todos os caminhos levam a Deus**”, abre um vasto leque de discussões e entendimento no mundo da teologia, embora esta frase tenha sua origem durante o domínio do império Romano com a seguinte formulação em latim (*Omnnes viae Romam ducunt*) e popularmente conhecida como “Todos os caminhos levam a Roma”, teve como motivo de criação a Capital de Roma onde ao tornar-se império mundial, experimentou em certo momento de sua história um desenvolvimento urbano muito grande e como era o principal centro comercial do mundo na época, Roma acabou criando redes de estradas que a ligavam às suas províncias ao longo de todo o seu domínio imperial, então o texto original era “**Todos os caminhos levam a Roma**”, entretanto, esta expressão fustigou o desejo de buscar em meio a religião subsidio plausível para validar esta máxima, contudo a grande variedade de culturas envolvidas somadas as linhas do tempo de cada uma iria desvirtuar o cerne deste artigo.

Partindo deste princípio, tomamos como base de aspiração o livro Fator Melquisedeque, por trata-se de uma obra literária que versa sobre a temática com extrema intimidade sobre o assunto a Soberania de Deus, sendo assim, nossa amostra é um compilado de dados e informações aproximadas, visto que não se tem um registro preciso do quantitativo humano que atualmente habita nosso planeta.

Para subsidiar o presente artigo e alimentar a amostra desta pesquisa focamos nas principais religiões mundiais e suas culturas.

Vislumbrando embasar o cerne deste artigo é necessário conhecer um pouco sobre essas religiões, enumerando e descrevendo da menor até mais numerosa conforme descrito abaixo:

12. Judaísmo

Praticantes: 14 milhões

Principais países: Israel, Palestina, Mônaco e EUA



A primeira das religiões monoteístas, as que acreditam na existência de um único Deus. Os judeus não acreditam que Jesus Cristo tenha sido o filho de Deus e continuam a aguardar a vinda do enviado de Deus.

11. Espiritismo

Praticantes: 15 milhões

Principais países: Cuba, Jamaica, Brasil e Suriname



Muito presente no Brasil, o espiritismo é uma religião relativamente recente criada em meados do século XIX. A sua crença está baseada na existência de reencarnações como forma de evolução contínua do espírito humano.

10. Juche

Praticantes: 19 milhões

Principais países: Coreia do Norte



Alvo de grande controvérsia, a religião oficial da Coreia do Norte gira em torno do culto aos seus governantes atuais e passados. A palavra Juche pode ser traduzida do coreano como “autossuficiência” e a religião apresenta várias semelhanças ao cristianismo.

9. Sikhismo

Praticantes: 23 milhões

Principais países: Índia, Reino Unido e Canadá



Sikhismo vem do sânscrito "sisya" que significa discípulo. Resultado de uma combinação entre o islamismo e o hinduísmo, os sikhs crêem na influência do karma de vidas anteriores na sua vida atual.

8. Religiões Tradicionais Africanas

Praticantes: 100 milhões

Principal continente: África



São diversas tradições e práticas religiosas de origem tribal que se mantêm ainda nos dias de hoje, sem grandes influências de outras religiões. Para o *Adherents*, apesar de serem religiões diferentes foram organizadas como “um grande grupo religioso”.

7. Religiões Indígenas Primais

Praticantes: 300 milhões

Principais países: Haiti, Guiné-Bissau e Camarões



Apesar de ter sido catalogada como uma religião, a Religião Indígena Primal é mais um modo de vida do que propriamente uma prática religiosa. Se dá principalmente pela relação do homem com a natureza de modo espiritualizado.

6. Budismo

Praticantes: 376 milhões

Principais países: Camboja, Tibete e Tailândia



Originário da Índia, o Budismo pode ser considerado tanto uma religião como uma filosofia, sendo principalmente identificado por não envolver o culto a um ou mais deuses. Para os budistas, tudo o que acontece é regido pela força do universo e a reencarnação é uma forma de evolução do ser humano.

5. Religião Tradicional Chinesa

Praticantes: 394 milhões

Principais países: China



Composta por um conjunto de tradições étnicas e religiosas da China. A Religião Tradicional Chinesa apresenta duas vertentes, uma baseada o *ying* e *yang* e outra de culto aos *shens*, diferentes divindades que podem ser naturais, semideuses ou ancestrais.

4. Hinduísmo

Praticantes: 900 milhões

Principais países: Nepal e Índia

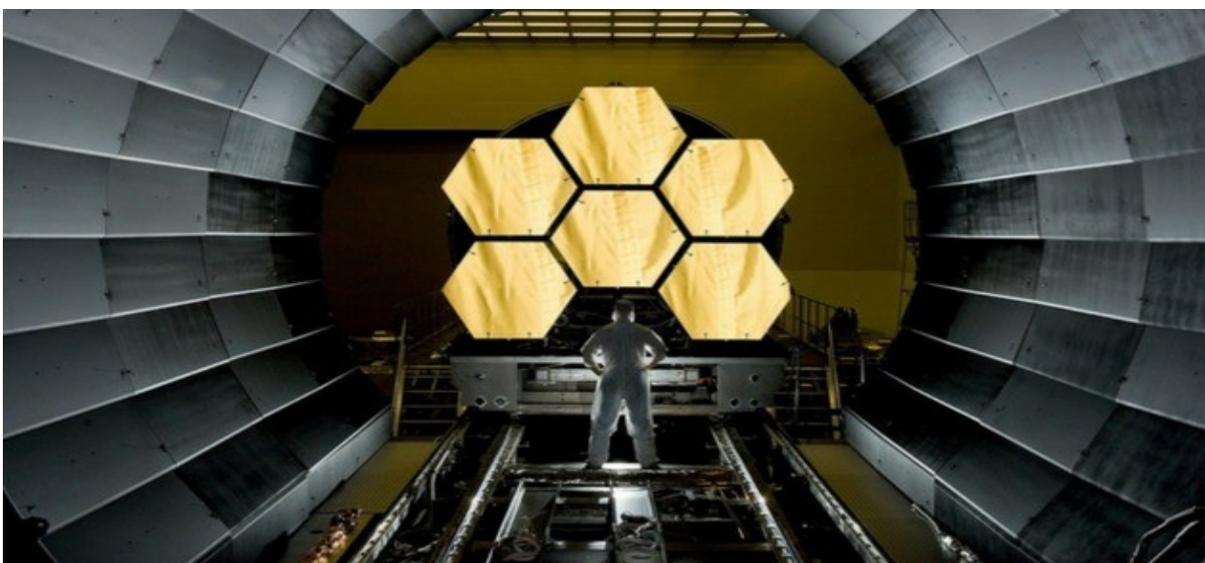


Com cerca de 330 mil deuses, o hinduísmo prega que todos podemos alcançar a iluminação se trabalharmos para escapar da ignorância e ilusão do mundo terreno. É considerada a mais antiga tradição viva, sendo que não possui um fundador declarado.

3. Ateísmo / Agnóstico

Praticantes: 1.1 bilhão

Principais países: República Tcheca, Japão, Estônia e Dinamarca



Durante as pesquisas realizadas pelo *Adherents*, foi identificado um grande número de pessoas que se identificaram como não-religiosas. Por isso, elas foram catalogadas no grupo Ateísmo/Agnóstico. O ateísmo é uma linha de pensamento que não acredita na existência de qualquer deus ou vida após a morte. Para os ateus, todos os “milagres” apresentam uma explicação científica.

2. Islamismo

Praticantes: 1.5 bilhão

Principais países: Maldivas, Mauritânia, Arábia Saudita e Turquia



Religião monoteísta fundada pelo profeta Maomé. Os muçulmanos acreditam que o propósito da existência é servir a Deus. Fazem isto através dos cinco pilares do islã: fé, oração, esmola, peregrinação e jejum.

1. Cristianismo

Praticantes: 2.1 bilhões

Principais países: Vaticano, România, Samoa, Brasil



O Cristianismo é baseado na crença de que Jesus Cristo é o filho de Deus. Existem diferentes vertentes do cristianismo, porém o catolicismo é a com mais adeptos e comumente relacionada com a doutrina conduzida pelo Vaticano.

3 –MISSÃO, SINERGIA E CONCEITO.

A) MISSÃO – Mudar hábitos, inculcar valores e orientar da conduta.

Sociólogos entendem que a religião, sobretudo a que pode ser classificada como internalizada (Camargo, 1971), oferece visão de mundo, muda hábitos, inculca valores, enfim, é fonte de orientação da conduta. Antropólogos ensinam que “a cultura constitui um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana”, nas palavras de Eunice Durham (2004: 231).

B) SINERGIA – Religião e Cultura a reengenharia a serviço da humanidade.

É comum dar como certo que a religião não somente é parte constitutiva da cultura, mas que ela abastece axiológica e normativamente a cultura. E que a cultura, por sua vez, interfere na religião, reforçando-a ou forçando-a a mudanças e adaptações. Ainda que tais definições possam ser questionadas em face da crise conceitual contemporânea, religião e cultura ainda são referidas uma à outra, sobretudo quando se trata de uma nação, um país, uma região.

Nos dias atuais, com o avanço das igrejas evangélicas e o concomitante declínio do catolicismo, o debate sobre religião e cultura tem proposto questões importantes, como estas: Uma América Latina de maioria religiosamente evangélica — se tal mudança viesse a se concretizar — seria culturalmente evangélica? No Brasil, apagaria os traços afro-brasileiros, repudiados pelos evangélicos de hoje? Extinguiria o carnaval, as festas juninas de Santo Antônio, São João e São Pedro, o famoso “São João” do Nordeste? E os topônimos católicos seriam mudados — rios, serras, cidades, ruas? Os nomes de estabelecimentos comerciais, indústrias, escolas, hospitais? A cidade de São Paulo voltaria a se chamar Piratininga?

Não são perguntas para responder num exercício de futurologia, mas dão o que pensar. Afinal, cultura e religião são muito interligadas, a ponto de se confundirem — no passado e ainda hoje — em muitas situações e sociedades.

B) CONCEITOS – A auto intitulação.

Como conceitos, ter definições diferentes maneiras diversas de conceituar religião e cultura não são encontradas apenas entre cientistas sociais, preocupados com suas teorias e voltados à produção de uma compreensão da realidade social.

Entende-se que também há diferenças profundas na forma como cada religião — através de seus pensadores — entende o que é cultura e explica a si mesma como instituição, produzindo estratégias específicas de se colocar no mundo ou, mais precisamente, no contexto do mercado religioso contemporâneo, que implica concorrência, propaganda, técnicas de persuasão, definição do consumidor e meios eficazes de chegar a ele (Pierucci e Prandi, 1996).

Religiões tradicionais de crescimento vegetativo têm que reter seus seguidores, evitar que mudem de religião. Religiões que crescem pela conversão têm que conquistar novos adeptos. Um modo de a religião se colocar consiste em considerar que os devotos estão no mundo, numa sociedade, num território, numa cultura que é preciso conhecer para defender ou conquistar. Isso não é nenhuma novidade histórica. Com o cuidado devido a uma comparação desigual, podemos imaginar que, em outros tempos, conquistadores de outro tipo usaram o conhecimento da cultura — fundando para isso uma ciência nova, a antropologia — como meio de conquista e dominação. No período avançado do colonialismo, países que contavam com uma ciência da cultura puderam dominar os conquistados sem ter que necessariamente destruir sua cultura original. Países que não cultivavam tal habilidade tenderam a persistir na política de terra arrasada, sobrepondo a sua cultura à do invadido. Na destruição de culturas nativas pelo invasor, a religião foi a ponta-de-lança da dominação, porque ela, especialmente ela, podia, naquele tempo, ensinar o que era a verdade do mundo e fundamentar as relações sociais e econômicas que passavam a imperar nos territórios dominados. Para um novo mundo, um novo deus, o Deus único e verdadeiro — foi lema na conquista da América indígena.

Hoje, felizmente, a religião tem alcance menor e só pode conquistar indivíduos, um a um. Não tem força nem braço armado para submeter nações. A religião de hoje busca a universalização, indiferente à identificação com esta ou aquela nação. Essa regra é contrariada nos casos em que a religião:

(1) negando uma tendência ocidental avançada na modernidade, continua a existir como religião tradicional de preservação de um patrimônio étnico, isso é, como “religião cultural”;

(2) quando se faz religião de Estado, o que ocorre com frequência no mundo islâmico e

(3) no caso das comunidades de imigrantes que se agregam, segregados, em países e cidades em que a religião predominante é outra, assim como a língua e os costumes. Ainda há, nessa categoria, os grupos indígenas isolados.

No clima dos movimentos de contestação da década de 1960, a noção herdada de cultura imutável e homogênea foi radicalmente contestada. “A ilusão,

antes talvez a realidade, de culturas fixas e coesas se dissolveu, assim como a identidade fixada por nascimento” diz Adam Kuper (2005: 263-72). Podemos acrescentar nesse processo a dissolução da determinação da filiação religiosa.

Uma nação uma cultura, uma cultura uma nação — é coisa do passado, anterior à queda do colonialismo. Hoje, quando se fala em cultura, logo vem a idéia da existência de uma cultura global, sem fronteiras — a globalização cultural do planeta. Essa cultura abrangente é marcada pela coexistência da diversidade pós-colonial, com a atuação de relações sociais das mais diversas ordens e origens.

Na cultura global podemos imaginar muitos recortes, se levarmos em conta a presença ativa de indivíduos que, de acordo com este ou aquele critério, pensam e agem diversamente, construindo e manipulando de forma desigual símbolos da mesma matriz. É comum considerar que existe uma cultura da juventude, uma cultura dos homens de negócio, a cultura negra, a cultura do migrante, a cultura da pobreza, cultura gay, cultura das mulheres, cultura da terceira idade, e assim por diante. Segundo Ulf Hannerz, cada cultura dessas pode ser encontrada em todo lugar, porque há jovens em todas as partes do mundo, mulheres também etc. etc. etc. (Hannerz, 1996: 30). Uma religião também se diversifica internamente. O evangelicalismo, que já é uma diversificação do protestantismo, é formado por uma miríade de igrejas com diferenças pequenas e grandes. O catolicismo romano também não é uniforme, embora centralizado numa Igreja. No interior do catolicismo proliferam muitos movimentos que propõem relações diversas com os indivíduos, grupos e a cultura. Houve um tempo do catolicismo da teologia da libertação, que passou, superado pelo movimento de Renovação Carismática, focado — ao contrário daquele — no indivíduo, na cura e nos dons do Espírito Santo, à moda pentecostal. Para a maioria dos católicos, esses movimentos são visto com indiferença ou desconfiança. Tratados com reserva pelo Vaticano, não chegam a afetar a face mais geral do catolicismo. São movimentos de adesão individual que, de certo modo, fazem a crítica do antigo catolicismo (Prandi, 1997).

A cultura global é marcada por diferenças de religião. Antes, a diferença religiosa era entre nações, agora é entre indivíduos. E o que define a cultura global é a pressuposição da existência de relações sociais entre indivíduos de diferentes nações, países, regiões do mundo, rompendo com o isolamento das culturas locais

A religião aproxima os iguais e os distancia dos outros, agrega e imprime identidade, como faz a cultura. Mas como se trata de uma escolha e não mais de um atributo herdado, o outro do qual ele se afasta pode ser sua própria família ou indivíduos que naturalmente lhe seriam próximos. Em vez de atuar como amálgama social, a religião nesse caso estaria atuando como solvente de relações sociais tradicionalmente básicas, dissolvendo antigas pertencas e linhagens, como mostrou Pierucci (2006).

No mundo contemporâneo, em seu lado ocidental, se a religião não acompanha a cultura, fica para trás. Ainda tem fôlego para interferir na cultura e na sociedade, sobretudo na normatização de aspectos da intimidade do indivíduo — especialmente pelo fato de *ser* religião — mas seu sucesso depende de sua capacidade de mostrar ao fiel potencial o que ela pode fazer por ele. Dotando-o, sobretudo, dos meios simbólicos para que a vida dele possa fazer algum sentido e se tornar, subjetiva ou objetivamente, mais fácil de ser vivida, sem que se tenha que abandonar o que de bom este mundo oferece.

4 – A ORIGEM DO NOME DEUS.

Viajamos através da sociologia, pela missão, sinergia e o conceito das religiões, onde se faz necessário para complementar o fulcro deste artigo, entender a construção transliteraria da palavra DEUS, bem como a sua formulação, de maneira rápida e expositiva façamos o seguinte:

Compare Zeus com Theos e Deus:

1º - Zeus

2º - Theos (usando a consoante grega theta em lugar de “ th”)

3º - Deus

Não é necessário um diploma de linguística para enxergar que os três nomes procedem de uma única raiz linguística. Os três começam com consoantes — Z, T, e D que exigem que a ponta da língua esteja entre os dentes ou imediatamente por trás deles.

Os três nomes destacam o que os lingüistas chamam de “vogal e média, aberta, no segundo espaço. O terceiro espaço nos três nomes contém as vogais o ou u “posteriores fechadas”. E os três nomes preenchem o quarto espaço com a sibilante s. Em último lugar, os três compartilham de um

sentido semelhante. Vamos, agora, reconstruir teoricamente a história provável desses três termos.

No princípio, antes do grego e do latim se diferenciarem como línguas distintas, havia um vocábulo original - talvez Deos - que era um nome pessoal para o Todo-poderoso.

Mais tarde, à medida que as várias seitas inventaram deuses menores e lhes deram nomes pessoais, cada seita afirmou que seu deus era, na verdade, Deos.

Como resultado, na ocasião em que as mudanças de pronúncia levaram “Deos” a se tornar “Deus” em uma região e “Geos” em outra, os três termos se haviam generalizado de forma a significar “deus” em lugar de “Deus”.

Exemplo: As esponjas de aço apareceram pela primeira vez sob a marca “Bom-Bril”. Quando as empresas concorrentes produziram outras marcas de esponjas desse tipo, a palavra “Bom-Bril” estava tão indelevelmente associada com as esponjas de aço que o público também chamava os produtos concorrentes de “Bom-Bril”. Em outras palavras, “Bom-Bril” tornara-se “bom-bril”, assim como “Deus” tornou-se “deus”.

Filósofos como Xenofonte, Platão e Aristóteles tentaram, com efeito, inverter a tendência para a generalização, voltando ao uso original de theos como um nome pessoal. O resultado? Tanto o sentido específico original como o geral passaram a coexistir. Zeus, como uma terceira variação do Deos original, conseguiu evitar a generalização, sobrevivendo como um nome pessoal específico. De fato, Epimênides usou Zeus como nome pessoal do Todo-poderoso em outra parte do mesmo poema, citado pelo apóstolo Paulo em Tito 1.12! Porém, um destino diferente e muito mais sério sobreveio à variante Zeus.

Os teólogos gregos, manipulando, através dos séculos, o nome pessoal do Todo-poderoso (Zeus), introduziram gradualmente significados inconsistentes com o conceito original. Eles decidiram, por exemplo, afirmar que Zeus fora gerado por dois outros seres - Kronos e Rhea. Uma vez que os teólogos induziram os adoradores a aceitarem a sua revisão, o nome Zeus não mais designava um Criador incriado. Na ausência de um número suficiente de “koleans” para defender o conceito original, “Zeus” morreu como um nome válido para Deus. Esse termo uma vez profundo prosseguiu, tornando-se, porém, tão incrustado de erros que nem sequer um Platão ou Aristóteles puderam resgatá-lo. Eles tiveram simplesmente de passar por ele, favorecendo Theos. O mesmo fizeram os tradutores judeus e os apóstolos cristãos.

Do mesmo modo, quase no exato momento em que o Cristianismo nasceu, os “mudadores de significado” teológicos tentaram insinuar novos sentidos tendenciosos nos termos cristãos. Os grandes concílios teológicos dos Pais da Igreja podem ser tidos como uma tentativa de impedir que os termos cristãos importantes sofressem o mesmo destino de palavras antes elevadas, como Zeus, tinham sofrido. Uma das surpreendentes características deste “deus dos céus” benigno e onipotente, de muitas religiões populares da humanidade,

é sua tendência de identificar-se com o Deus do Cristianismo! Esse "deus dos céus", embora considerado pela maioria das religiões populares como remoto e praticamente inatingível, tende a aproximar-se e falar às pessoas religiosas sempre que - sem que elas mesmo o saibam - estão prestes a encontrar emissários do Deus cristão denominado finalmente como DEUS!

E o que o "deus dos céus" diz nessas ocasiões?

Ele se vangloria e se encoleriza invejosamente contra o Deus do cristianismo, como uma divindade estrangeira usurpadora?

Pressiona seus seguidores a rejeitarem fanaticamente o evangelho do intruso?

Longe disso! Em centenas de casos, atestados por literalmente milhares de religiosos em todo o mundo, o Deus dos céus faz exatamente o que El Elyon fez através de Melquisedeque. Ele reconhece alegremente como sendo seus os mensageiros de Javé que se aproximam! Toma cuidado para esclarecer perfeitamente que Ele é justamente o próprio Deus que esses estrangeiros especiais proclamam! Tem-se a indiscutível impressão de que o Deus dos Céus queria comunicar-se com pessoas de várias religiões populares todo o tempo, mas por suas próprias razões misteriosas manteve uma política de restrição até a chegada do testemunho de Javé!

Esta é, com certeza, uma poderosa evidência extra-bíblica da autenticidade da Bíblia como revelação do Deus verdadeiro e universal! Ela é também, como veremos mais tarde, a principal razão, a nível humano, para a aceitação fenomenal do cristianismo entre pessoas de muitas religiões populares diferentes em todo o mundo. Além do mais, passagem após passagem das Escrituras têm testemunhado, no decorrer dos séculos, que o nosso Deus não se deixou sem testemunho - em separado da pregação do evangelho (veja por exemplo, At 14.16-17 e Rm 1.19-20 e 2.14-15). Esse testemunho, embora diferente na espécie e qualidade do testemunho bíblico - continua sendo mesmo assim uma evidência dEle! Como é então trágico a verdade de que os cristãos em geral não sabem praticamente nada sobre este fenômeno mundial de pressuposição monoteísta, subjacente à maioria das religiões populares da terra!

Muitos teólogos e até alguns missionários, cujos ministérios foram tremendamente facilitados pelo fenômeno, nervosamente empurraram para um canto escondido esta evidência que serve para clarear a mente.

Por que? Se você pertence a uma tradição que vem ensinando aos cristãos, há séculos, que o resto do mundo se acha em total escuridão e nada sabe sobre Deus, fica um tanto embaraçoso dizer: "Estávamos errados. Na verdade, mais de 90 por cento das religiões populares do mundo reconhecem pelo menos a existência de Deus. Algumas até consideram seu interesse redentor pela humanidade". A declaração feita pelo apóstolo João de que o mundo jaz no maligno (veja 1 Jo 5.19), deve ser combinada com o reconhecimento do apóstolo Paulo de que Deus não se deixou ficar sem testemunho. Pois esse testemunho penetrou nas trevas da impiedade em quase toda parte, até certo Ponto. Nas palavras do apóstolo João, "a luz

resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1.5). João especificou ainda que a "luz" descrita por ele é “ a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo o homem” (1.9, grifo acrescentado).

Mas, por que os missionários que passaram pela mesma experiência do fenômeno do deus dos céus procuram ocultar a mesma?

Talvez por julgarem que alguém pudesse dizer em seu país: “ Vejam! Eles já acreditavam em Deus! Você não precisava convertê-los, afinal de contas!” Evitar a objeção era mais fácil do que confrontá-la embora não seja difícil de contestar! Então, eles simplesmente comunicaram outras informações importantes aos que os mantinham na missão.

“**O Fator Melquisedeque**” mostra que O Deus Desconhecido (*agnosto theo*) dos atenienses, o THEOS e LOGOS dos gregos, O JAVÉ dos hebreus, o THAKUR JIL dos Santal, (Calcutá, Índia) o EL ELYON dos Cananeus, o MAGANO de Gedeo (Etiópia), o KORO dos Mbaka (República centro africana), o SHANG TI dos Chineses, O HANAMIM dos Coreanos, Y´WA dos Karen (Birmânia), KARAI KASANG dos Kachin, GUI´SHA dos Lahu, o SIYEH dos Wa, PHRA-ARIYA-METRAI (Senhor da Misericórdia e não a quinta manifestação de Buda) dos Shan e Paloung, CHEPO-THURU ou GWANG dos Naga (24 tribos da Índia), todos estes nomes se referem ao mesmo Deus que os antropólogos chamam de O DEUS DOS CÉUS.

Na imagem abaixo podemos ver a divisão geológica do globo terrestre, para melhor compreender a tabela de comparativos entre religiões do hemisfério oriental e do hemisfério ocidental.

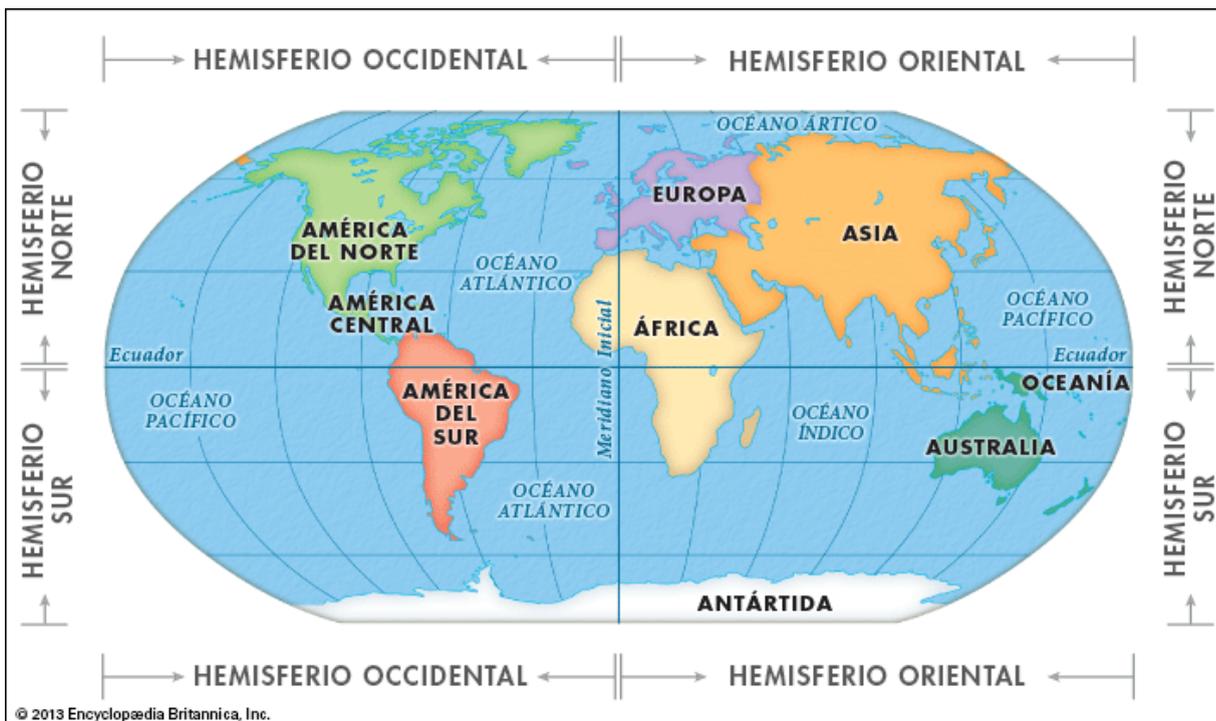


Imagem 1 – mapa mundi -2010 divisão dos hemisférios.

5 – TABELA 1 – AS SIMILITUDES ENTRE AS RELIGIÕES.

Para a exposição do demonstrativo a seguir foi realizado uma bateria de questionamentos para sintetizar e exemplificar as semelhanças entre as principais religiões:

Pergunta	Atributos semelhantes	Religiões do Hemisfério Oriental	Religiões do Hemisfério Ocidental
1 - Quais as semelhanças existentes entre as Religiões Ocidentais e Orientais?	SIM	Elas acreditam numa Divindade Suprema , mais especificamente numa Energia Cósmica Absoluta, criadora de todas as coisas materiais e imateriais. Acreditam também numa hierarquia celeste e nas diversas dimensões da matéria.	As Religiões Ocidentais ou teologias ocidentais acreditam num Deus Supremo , criador de todas as almas e de todas as coisas. Acreditam numa hierarquia de anjos e em um exército celestial.
2 - Qual é a visão sobre a salvação da alma?	SIM	Afirmam que a salvação do homem se faz através da obediência a Deus e das Leis Cósmicas. Somente através da Sua benevolência é que se manifesta a presença de um preceptor espiritual ou Satgurupara orientação e condução do homem.	Acreditam que a salvação do homem se faz através da rígida obediência a Deus, usualmente através de um Messias, profeta ou presbítero, pelos quais o indivíduo conquista o Reino dos Céus.
3 - Como deve ser a conduta do homem?	NÃO	Ensinam que o homem deve viver uma vida ética e moralmente correta, pois isto é o essencial para o seu progresso e Desenvolvimento espiritual e para sua libertação.	Dizem que o homem deve ter uma conduta ética e moral guiando-se pelo caminho de Deus.
4 - E sobre o destino do espírito humano?	NÃO	Dizem que a proposta da vida é evoluir e desenvolver o homem através das experiências diretas e indiretas no caminho espiritual. As coisas do mundo não são as verdadeiras propostas, mas apenas uma alavanca para sua evolução.	Ensinam que o destino da humanidade é viver de acordo com os princípios e mandamentos de Deus, para que seja concedida a oportunidade de merecer o descanso e a felicidade eterna, ou o sofrimento eterno.
5 - Quais as	SIM	Afirmam que há mais realidades e	Afirmam que a alma é imortal e eterna, e

<p>semelhanças quando se fala de Natureza e de Universo?</p>		<p>Dimensões em todo o universo do que nós imaginamos. O Espírito (Purusha) é imortal. O processo da vida, da morte e da eternidade são baseados no ciclo da reencarnação e dos renascimentos (Samsara). A libertação final (Moksha) é o processo final na condição de ser humano. A partir daí, o homem se encontrará em outras dimensões e planos do universo. Para as Religiões Orientais não há apenas um sistema solar ou apenas uma galáxia. A Via Láctea é infinita e eterna.</p>	<p>que a vida é uma só. O homem viverá para sempre ao lado de Deus, o Criador, uma vez obedecidos os seus mandamentos e princípios, ou então, o homem viverá separado de Deus, no eterno fogo do inferno.</p>
<p>6 - E sobre a criação do universo?</p>	<p>NÃO</p>	<p>As Teologias Orientais ensinam que o universo não tem princípio nem fim, que existe num interminável ciclo de criação, preservação e destruição. Não existe absolutamente fim nem começo, nem tampouco existe uma dualidade entre o Absoluto e o mundo, mas sim uma unidade eterna.</p>	<p>As Teologias Ocidentais afirmam que o mundo foi criado por Deus e que no futuro será destruído por Ele. Então, este será o Dia do Juízo Final, quando aqueles que tiverem sido bons e justos serão salvos, e aqueles que não tiverem seguido os mandamentos e as orientações de Deus, do Messias, dos profetas ou do presbítero, não serão salvos. Os mortos serão chamados outra vez à vida.</p>
<p>7 - E sobre a legitimidade de Deus?</p>	<p>SIM</p>	<p>Dizem que não há um Deus, mas sim um Absoluto, uma Energia Cósmica inominável. Este Absoluto (Brahman) é tudo, está em tudo e em todos os seres animados e inanimados, humanos e animais, nos vegetais, nas pedras, na terra, no fogo, no ar, em todos os elementos da natureza. E o homem pode apenas testemunhar sua presença através da experiência direta por qualquer caminho ou crença, de acordo com a sua evolução</p>	<p>Dizem que Deus existe e que há somente um Deus e uma religião verdadeira. Aqueles que aceitam esta verdade estarão nas graças de Deus-Pai. Todos os demais, a menos que se redimam, irão para o fogo do inferno.</p>

<p>8 - Quais são as provas da existência de Deus?</p>	<p>SIM</p>	<p>espiritual. Já as Religiões Orientais afirmam que a maior prova sobre a existência do Absoluto é através das diversas formas de manifestação da vida, através do amor e da presença de um Guru. O Guru é "aquilo que dissipa as trevas", que elimina a ignorância e desperta a consciência do discípulo para a espiritualidade. E sobre o conhecimento do Absoluto, os orientais afirmam que é uma vivência pessoal interior e, muitas vezes, oferece uma experiência mística de sua realidade através da manifestação de estados alterados da consciência, ora permanentes, ora temporários, onde o homem se torna notoriamente um "iluminado", um vidente, um santo.</p>	<p>As Religiões Ocidentais afirmam a existência de Deus mostrando seu amor e seu compromisso em salvar os homens, através da figura do Messias chamado Jesus, que é o Filho de Deus, em pessoa de carne e ossos, além das revelações de sua escritura sagrada denominada Bíblia, que é a revelação da inspiração divina. As Teologias Ocidentais dizem que é um grande absurdo e presunção do homem querer buscar saber sobre personalidade divina de Deus. A grande virtude da Religião não é experimentar, mas ter fé, casar, constituir família e ter uma vida virtuosa e sempre à serviço de Deus.</p>
<p>9 - Quais são os caminhos para se chegar a Deus?</p>	<p>SIM</p>	<p>As Religiões Orientais, entretanto, afirmam que o homem é livre para optar pelo caminho que deseja seguir: o bem ou o mal. Todos os caminhos, Finalmente, o guiarão ao Absoluto. O céu e o inferno não existem como lugares, contudo apenas como estados de consciência, nada mais. Não há Dia do Juízo Final, nem juiz, nem pecado. O homem é o responsável por todos os seus atos, pensamentos e sentimentos. Consequentemente, é quem faz a trama do seu destino.</p>	<p>As Religiões Ocidentais afirmam que há somente um caminho para guiar-se até Deus, pois os outros são infrutíferos. O verdadeiro para as religiões ocidentais caminho é a conversão e obediência a Deus. Todos devem converter-se para a verdadeira religiosidade. O homem que fraquejar e estiver com sua mente em dúvida de Deus, será levado ao pecado e condenado no Dia do Juízo Final ao fogo do inferno. O sofrimento do homem vem da sua desobediência a Deus, por não aceitar e por não acreditar na sua lei.</p>

6 – DEUS PREPARA OS POVOS PARA O EVANGÉLIO.

Entendendo o Fator Melquisedeque e a ciência do Deus único para as nações.

Com base no livro **Fator Melquisedeque** usaremos esta designação para falar da consciência universal da existência de um Deus único, entre as diversidades de expressões culturais e religiosas dos diferentes povos e civilizações ao longo da história conforme o supramencionado.

O primeiro a utilizar o termo foi o [teólogo Don Richardson](#)¹, autor do livro de mesmo nome: "*Fator Melquisedeque*", que através de relatos antropológicos expõe um testemunho de Deus nas culturas através do mundo. [Melquisedeque](#)² é uma alusão ao sacerdote "do Deus Altíssimo", considerado Rei de [Salém](#), a qual haveria de se tornar na cidade sagrada de [Jerusalém](#). Em um relato bíblico, esse sacerdote-rei, abençoa [Abraão](#), "o pai da Fé", que o oferta a décima parte dos despojos de guerra ao qual estava retornando. A referência a esse personagem místico, aponta para a existência do culto monoteísta anterior às grandes religiões atuais.

Conceito aceito pela [Teologia](#) contemporânea, mais especificamente pela [Missiologia](#), reconhece os hábitos estranhos ao cristianismo, não como barreiras ao evangelismo, ou ao convívio social, mas como ponte entre visões diferentes de uma mesma verdade, denominada "**substância católica**", ou **universal**.

Richardson (1986) usa a relação entre Abraão e Melquisedeque como um exemplo de que o evangelho de Jesus está preparado para ser pregado ao mundo, bem como o mundo está preparado para recebê-lo. Esta concepção ele chama de relação entre a "revelação geral" e a "revelação especial", sendo a revelação geral, ilustrada por Melquisedeque, mais antiga e mais abrangente do que a revelação especial, ilustrada por Abraão.

A revelação geral é vista como o ato inicial de Deus, o se revelar à humanidade como criador de todos e de tudo. Esta revelação divina pode ser vista nas religiões originais de vários povos e tribos remotos, isto é, que estão longe de qualquer influência estrangeira, em que nelas se encontram noções monoteístas, às vezes, muito semelhantes à narrativa bíblica. Segundo a própria Bíblia, Deus criou os seres humanos, mas estes o esqueceram e o substituíram por deuses menores (ídolos). Porém, como visto em muitos destes povos, não o esqueceram totalmente, tendo alguns deles mantido tradições peculiares, tais como o sentimento da necessidade de ter seus pecados apagados e a promessa divina de perdão futuro. Muitos destes povos até mesmo acreditam (ou acreditavam) que um mensageiro estrangeiro viria, portando um livro no idioma nativo deles, e que, por meio deste livro, os conduziria à reconciliação com Deus.

Estas noções encontradas nas culturas e tradições desses povos seriam, segundo Richardson, um tipo de preparador, para a chegada do Evangelho a eles, tal como a Lei de Moisés o foi para os judeus.

¹ https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Don_Richardson&action=edit&redlink=1

² <https://pt.wikipedia.org/wiki/Melquisedeque>

A revelação especial, no entanto, é vista como a solução apresentada na Bíblia para o problema de reconciliação entre Deus e toda a humanidade.

O livro de Gênesis mostra que Deus revelou-se a Abraão e lhe prometeu uma grande descendência, e que, por meio de sua descendência, Ele abençoaria a todos os povos da Terra. Como evidenciado na Bíblia, este propósito foi sendo cumprido ao longo dos anos chegando ao ápice na pessoa de Jesus Cristo, por meio de quem veio o perdão de Deus para todos. Caberia, agora, por meio dos cristãos, espalhar essa solução, há muito esperada, aos povos do mundo, para que o objetivo de Deus (sobre o qual ele jurou por Si mesmo, a Abraão, que cumpriria) fosse totalmente realizado.

A substância "católica" ou universal

Richardson revela que há sete fatos pré-abraâmicos que determinam se uma religião nativa reteve alguma parte da verdade sobre Deus, apresentada na Bíblia. São elas:

- **O fato da existência de Deus;**
- **A criação do mundo e da humanidade;**
- **A rebelião e queda do homem:** o pecado da humanidade afastou a todos de Deus.
- **A necessidade do sacrifício:** o sacrifício, como mostrado na Bíblia, simboliza a necessidade de ter alguém justo pagando pelo pecado de outro, isto é, o bode expiatório.
- **O grande Dilúvio:** o Dilúvio é apresentado em muitas tradições como o ato de Deus
- **A Torre de Babel:** a criação e divisão de diferentes línguas e povos;
- **O reconhecimento da necessidade** humana de ter novas revelações de Deus.

Ele vê estes sete fatos como o denominador comum entre todas as crenças nativas. As que possuem pelo menos seis destes fatos, estão mais próximas da verdade; as que só têm um dos fatos, estão longe demais, tendo deixado o conhecimento da verdade se perder ou se misturar com ideias diversas.

É importante notar que ele está se tratando de religiões nativas "originais", isto é, que sofreram pouco ou nenhum contato com outras religiões, principalmente as consideradas fabricadas (que não vieram como tradições de um povo inteiro, mas como ideias individuais, tais como islamismo, budismo etc.).

7 – DEUS PREPARA OS POVOS PARA O EVANGÉLIO - Quem são os povos do mundo.

Richardson foi influenciado por Wilhelm Schmidt e Andrew Lang no que se refere ao conceito de monoteísmo em várias religiões mundiais. Cita povos e tribos, alguns bem remotos, que apresentam esta noção monoteísta, muitas vezes semelhante ou correspondente à Bíblia. Aqui estão alguns deles:

OS ATENIENSES "AO DEUS DESCONHECIDO – EPIMÊNIDES" - (Atos 17:16-34). No século seis antes de Cristo, a cidade de Atenas sofreu uma grande praga (essa praga não pode ser confundida com a que ocorreu em 430 a.C.) que matou muitos atenienses. A história nos conta que os atenienses queimaram muitos sacrifícios aos seus deuses para que a praga fosse extinta, como não conseguiram, buscaram entre outros povos alguma solução entre os seus deuses, mesmo assim a praga continuou. Entretanto uma sacerdotisa recebeu uma mensagem de um oráculo que dizia que os atenienses estavam sendo punidos por causa da traição do rei Mégacles aos seguidores de Cílon. A sacerdotisa afirmou que "havia um deus que ainda não tinha sido apaziguado, e que se deveria enviar um navio a Cnossos, na ilha de Creta, e trazer de lá um homem chamado Epimênides". Chegando a Atenas, descreveu três suposições: a primeira é que "ainda existe outro deus, um deus cujo nome não conhecemos e que não está sendo representado por qualquer ídolo em sua cidade", a segunda é que "esse deus é bastante poderoso e suficientemente bondoso para fazer alguma coisa a respeito da praga, se apenas pedirmos sua ajuda" e terceiro que "qualquer deus suficientemente grande e bondoso para fazer algo a respeito da praga é também poderoso e misericordioso para nos favorecer em nossa ignorância se a reconhecermos e o invocarmos". Epimênides disse que preparassem muitas ovelhas de diversas cores e não as deixassem se alimentar, mandou também aos pedreiros que se preparassem. No dia seguinte, pelo nascer do Sol, ele mandou soltar as ovelhas famintas: aonde as ovelhas deitassem em vez de se alimentar deveria ser construído um altar ao "deus desconhecido".

OS CANANEUS " De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção: abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem " ABRÃO - (Gen. 12:2-3), Deus primeiro o guiou até uma região desconhecida, habitada por diversas tribos que abrangiam diferentes clãs e famílias. Eram as tribos dos cananeus, queneus, quenezeus, cadmoneus, heteus, ferezeus, refains, amorreus, gírgaseus e jebuseus (Gen. 15.19). Além desses 10, aproximadamente 30 outros povos, espalhados do Egito até a Caldéia, são mencionados por nome só nos primeiros 36 capítulos de Gênesis. Mais subdivisões étnicas da humanidade são reconhecidas especificamente nesses 36 capítulos do que em qualquer outra seção de comprimento comparável em qualquer outro ponto da Bíblia!

Prepare-se para a resposta de Abrão. Talvez estejamos prestes a ouvir o primeiro argumento teológico na narrativa bíblica. O que ele dirá? Vai responder: " Um momento, alteza! O nome correto para o Altíssimo é Yahweh e não El Elyon\ Além disso, não posso aceitar uma bênção oferecida sob esse nome cananeu El Elyon , desde que todo conceito cananeu deve estar, sem dúvida, tingido de noções pagãs. De todo modo, Javé me disse que eu é que deverei ser uma bênção para todas as famílias da terra, inclusive cananeus como

Vossa Majestade. Não acha então que está sendo um tanto presunçoso ao abençoar-me?”.

Nada disso! A resposta de Abrão foi simplesmente dar a Melquisedeque “o dízimo” (a décima parte) de tudo que havia tomado de Quedorlaomer na operação de resgate (Gn 14.20)

OS INCAS - Pergunta: Se Deus deu a dois povos pagãos - cananeus e gregos - testemunho antecipado de sua existência, não poderia ter Ele feito o mesmo ou pelo menos uma obra semelhante junto a outros povos pagãos? Todos eles talvez? Em outras palavras, o Deus que preparou o evangelho para todos os povos, preparou também todos os povos para o evangelho? Caso positivo, deve ser então falsa a presente suposição mantida por milhões de fiéis e incrédulos, no sentido de os povos pagãos não poderem compreender e, geralmente, não desejarem receber o evangelho cristão, sendo portanto injusto tentar fazê-los aceitar o mesmo (e um esforço praticamente excessivo e inútil).

O apóstolo Paulo chamou Epimênides de “profeta”. Ficamos imaginando que título teria atribuído a Pachacuti, cuja percepção espiritual, como pagão, superava até mesmo a de Epimênides.

Da mesma forma que Epimênides, Pachacuti era um daqueles exploradores espirituais que, nas palavras de Paulo (veja At 17.27), buscou, bateu e encontrou um Deus muito superior a qualquer “deus” popular de sua própria cultura. Ao contrário de Epimênides, Pachacuti não deixou o Deus que descobrira na categoria de “desconhecido”. Ele o identificou pelo nome, e mais ainda:

Quase todos que têm algum conhecimento sobre os incas sabem que adoravam Inti - o sol. Todavia, em 1575, em Cuzco, um sacerdote espanhol chamado Cristobal De Molina colecionou vários hinos incas - e certas tradições ligadas a eles - provando que a divindade de Inti nem sempre mostrou-se indiscutível, até mesmo aos olhos dos próprios incas. De Molina escreveu os hinos e suas tradições na língua inca, ou quechua, com a ortografia adaptada do espanhol. Os incas não tinham um sistema de escrita.

Essa coleção inteira de tradições e hinos reporta-se ao reinado de Pachacuti.

Os eruditos modernos, ao redescobrirem a coletânea de De Molina, maravilharam-se com o seu conteúdo revolucionário. Alguns, a princípio, não quiseram crer que fosse realmente inca! Tinham certeza que o próprio Molina deveria ter introduzido seu pensamento europeu na composição inca original. Alfred Metraux, porém, em sua obra *History of the Incas* (“História dos Incas”), concorda com o Professor John H. Rowe que, segundo ele, “foi bem-sucedido em restaurar os hinos à sua versão original, (e está) convencido de que nada devem aos ensinamentos missionários. As formas e expressões usadas são basicamente diversas das encontradas na liturgia cristã na língua inca”.

Novas confirmações da autenticidade da compilação de De Molina vieram à tona. Um outro hino do mesmo gênero, diz Metraux, foi “milagrosamente preservado por Yamqui Salcamaygua Pachacuti, um cronista índio do século

XVII... Basta comparar (este outro hino com os) colecionados por De Molina em 1575, para compreender que todos pertencem às mesmas tradições literárias e religiosas” .

Metraux declara: “ Pela sua profundidade de pensamento e lirismo sublime (o hino inca preservado por Yamqui) é comparável aos mais belos dos Salmos” .ⁱ

O que havia de tão revolucionário a respeito dos hinos? As tradições descobertas com eles declaram incisivamente que Pachacuti o rei tão dedicado à adoração do sol, que reconstruiu o templo de Inti em Cuzco - começou, mais tarde, a questionar as credenciais de seu deus! Philip Ainsworth Means, comentando sobre o descontentamento de Pachacuti com Inti, escreveu: “ Ele ressaltou que esse corpo luminoso segue sempre um caminho determinado, realiza tarefas definidas e mantém horas certas como as de um trabalhador” . Em outras palavras, se Inti é Deus, por que ele nunca faz algo original!?. O rei refletiu novamente. Ele notou que “ a radiação solar pode ser diminuída por qualquer nuvem que passe” . Ou seja, se Inti fosse realmente Deus, nenhuma simples coisa criada teria poder para reduzir a sua luz”.

Pachacuti tropeçou inesperadamente na verdade de que estivera adorando um simples objeto como Criador! Corajosamente, ele avançou para a pergunta seguinte inevitável: Se Inti não é o Deus verdadeiro, quem é Ele então? Onde um inca pagão, afastado dos conhecimentos judaico-cristãos, poderia encontrar a resposta à essa pergunta?

Ela é bastante simples - mediante as antigas tradições latentes em sua própria cultura! A possibilidade desse evento foi prevista pelo apóstolo Paulo, quando escreveu que Theos, no passado, “ permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho” (At 14.16-17, grifo acrescentado).

Pachacuti tomou o testemunho que extraíra diretamente da criação e o colocou ao lado da quase extinta memória de sua cultura:

Viracocha - o Senhor, o Criador onipotente de todas as coisas.Tudo o que restava da anterior lealdade inca a Viracocha era um santuário chamado

Quishuarcancha, situado na parte superior do vale Vilcanota. Pachacuti lembrou também que seu pai, Hatun Tupac, afirmou certa vez ter recebido conselho num sonho por parte de Viracocha. Este lembrou Hatun Tupac nesse sonho que Ele era verdadeiramente o Criador de todas as coisas. Hatun Tupac imediatamente passou a fazer-se chamar (ousamos dizer que vaidosamente?) Viracocha!

O conceito de Viracocha era, portanto, antiqüíssimo com toda probabilidade. A adoração de Inti e outros deuses, sob esta perspectiva, não passava de desvios recentes de um sistema de crença original mais puro. Metraux insinua isso quando observa que Viracocha teve representantes proeminentes nas culturas indígenas “ desde o Alasca à Terra do Fogo” , enquanto a adoração do sol aparece em relativamente poucas culturas.

Um Deus que criara todas as coisas, concluiu Pachacuti, merece ser adorado! Ao mesmo tempo, seria incoerente adorar parte de sua criação como

se fosse o próprio Deus! Pachacuti chegou a uma firme decisão - essa tolice de adorar Inti como Deus já fora longe demais, pelo menos quanto a ele e seus súditos da classe alta. Pachacuti entrou em ação. Ele convocou uma reunião dos sacerdotes do sol - um equivalente pagão do Concílio de Nicene, se quiser - na bela Coricancha. De fato, um erudito chama esse congresso de Concílio de Coricancha, colocando-o então entre os grandes concílios teológicos da história. Nesse concílio, Pachacuti apresentou suas dúvidas sobre Inti em “três sentenças”:

1. Inti não pode ser universal se, ao dar luz a alguns, ele a nega a outros.

2. Ele não pode ser perfeito se jamais consegue ficar à vontade, descansando.

3. Ele não pode ser também todo-poderoso se a menor nuvem consegue encobri-lo.

Pachacuti reavivou, a seguir, a memória de seus súditos da classe superior quanto ao onipotente Viracocha, citando seus estupendos atributos. O Dr. B.C. Brundage, da Universidade de Oklahoma, nos EUA, resume a descrição de Viracocha, feita por Pachacuti, como segue: “Ele é antigo, remoto, supremo e não-criado. Também não necessita da satisfação vulgar de uma consorte. Ele se manifesta como uma trindade quando assim o deseja,...caso contrário, apenas guerreiros e arcanjos celestiais rodeiam a sua solidão. Ele criou todos os povos pela sua “palavra” (sombras de Heráclito, Platão, Filo e o apóstolo João!), assim como todos os huacas (espíritos).

Ele é o Destino do homem, ordenando seus dias e sustentando-o. É, na verdade, o princípio da vida, pois aquece os seres humanos através de seu filho criado, Punchao (o disco do sol, que de alguma forma se distinguia de Inti). É ele quem traz a paz e a ordem. É abençoado em seu próprio ser e tem piedade da miséria humana. Só ele julga e absolve os homens, capacitando-os a combater suas tendências perversas”.

Como resultado do concílio, Pachacuti compôs hinos reverentes a Viracocha, os quais, por fim, passaram a fazer parte da coleção de De Molina.

Contudo a revolta das massas quando os sacerdotes do sol anunciassem seria certa. “Tudo que ensinamos durante os séculos que se passavam estava errado! Inti não é absolutamente Deus! Esses templos imensos que construíram para eles com tanto esforço - e por sua ordem - são inúteis. Todos os rituais e orações ligados a Inti de nada valem. Precisamos começar, agora, da estaca zero com o Deus verdadeiro - Viracocha!” Uma tal notícia não produziria cinismo, incredulidade? Ou até mesmo daria lugar a um levante social?

Pachacuti cedeu à diplomacia política. “Ele ordenou...que a adoração de Viracocha ficasse confinada à nobreza, (pois era)...sutil e sublime demais para o povo comum (síc!).”

Para sermos justos, Pachacuti pode ter esperado que a adoração de Viracocha - tendo tempo para infiltrar-se como o fermento - viesse a introduzir-se, finalmente nas classes mais baixas.

OS SANTAL " os sábios de Santal E O EVANGÉLIO" chamado Kolean, exclamarem: " O que este estrangeiro está dizendo deve significar que Thakur Jiu não se esqueceu de nós depois de tanto tempo!" .Skrefsrud, atônito, prendeu a respiração. Thakur era uma palavra santal, que significava " verdadeiro" . Jiu traduzia " deus" .O Deus Verdadeiro? Skrefsrud não estava, então, introduzindo um novo conceito ao falar de um Deus supremo. Os sábios de Santal delicadamente puseram de lado a terminologia que ele estivera usando para Deus e insistiram em que

Thakur Jiu era o nome certo para ser usado. Aquele nome estivera, evidentemente, nos lábios dos santal desde há muito tempo!" Como vocês sabem a respeito de Thakur Jiu?" perguntou Skrefsrud (talvez um tanto decepcionado)." Nossos ancestrais o conheciam no passado", responderam os

Santal sorrindo." Muito bem" , continuou Skrefsrud, " tenho outra pergunta. Desde que sabem sobre Thakur Jiu, por que não o adoram em lugar do sol, ou pior ainda, dos demônios?" A expressão dos santal mudou. " Essas" , responderam eles, "são as más notícias". Então, o sábio santal, chamado Kolean, adiantou-se e disse: " Vou lhe contar a história desde o principio" .Não só Skrefsrud, mas todo o grupo mais jovem dos santal silenciou, enquanto Kolean, um ancião respeitado, desenrolou uma história que levantou a poeira depositada sobre séculos de tradição oral dos santal:

Há muito, muito tempo atrás, segundo Kolean, Thakur Jiu - o Deus Verdadeiro - criou o primeiro homem - Haram - e a primeira mulher - Ayo - e colocou-os bem longe, na região oeste da Índia chamada Hihiri Pipiri. Ali, um ser chamado Lita tentou fazer cerveja iln arroz e, depois, induziu-os a jogar parte da cerveja no solo como uma oferta a Satanás. Haram e Ayo se embriagaram com a cerveja e ilormiram. Ao acordar souberam que estavam nus e tiveram vergonha. Vou lhes contar quem é o verdadeiro Deus" . Esse tipo de reação arrogante, com frequência, destruiu o potencial de resposta de povos inteiros. Skrefsrud não pertencia a essa classe. Assim como Abraão aceitou El Elyon, o nome cananeu dado por Melquisedeque a Deus, e da mesma forma que Paulo e Barnabé, João e seus sucessores seguiram o caminho aberto pelos filósofos gregos, quando aceitaram os nomes gregos Logos e Theos como válidos para o Altíssimo, Lars decidiu também aprender uma lição de Kolean e seus ancestrais. Ele aceitou Thakur Jiu como o nome de Javé entre os santal. Skrefsrud não encontrou qualquer elemento de erro ligado ao nome Thakur Jiu, que pudesse desqualificá-lo. Ele não se achava na categoria de Zeus, digno de rejeição, mas de Theos/Logos, merecedor de aceitação. Além disso, raciocinou ele, se, como norueguês, podia chamar o Altíssimo de Gud - cujo nome surgira de um ambiente tão pagão quanto Theos em grego e Deus em fatim - os santal tinham então, certamente, direito de chamá-lo Thakur Jiu!

Skrefsrud aceitou o nome! Durante algum tempo, ele achou estranho ouvir de seus próprios lábios a proclamação de Jesus Cristo como Filho de Thakur Jiu Mas isso só por algumas semanas. Depois, a estranheza se foi. Sem dúvida, deve ter sido igualmente estranho quando alguém afirmou que Jesus Cristo era o Filho de Theos, ou de God, ou de Gud, ou, finalmente, de Deus. A aceitação do nome santal para Deus, por parte de Skrefsrud, fez

qualquer diferença? Uma rosa, qualquer seja o nome pelo qual a chamem, não continua com o mesmo perfume? Num jardim, isso acontece, mas não na memória! A própria palavra “rosa” tem o poder de evocar a reminiscência da cor e do perfume. Substituir o seu nome por cravo não mudará a rosa, mas eliminará a lembrança saudosa do ouvinte.

A história dos santal é apenas uma entre centenas de casos em que povos inteiros do mundo não-cristão demonstraram maior entusiasmo em receber o evangelho do que nós, cristãos, mostramos em enviá-lo a eles.

OS CANANEUS: possuíam a ideia de um deus supremo chamado *El Elyon* que, em nosso idioma, significa "o Deus Altíssimo"; Os gedeo: habitantes do centro-sul da Etiópia, eles criam em um deus supremo chamado *Magano* e criam que estrangeiros viriam até eles mostrar como se tornarem íntimos de Magano e deixarem de adorar a *Sheit'an*, o ser maligno.

OS MBAKA: os mbaka habitam na Rep. Centro-Africana e creem num deus supremo chamado *Koro*, o Criador, que enviou uma mensagem aos seus antepassados dizendo que Ele já mandara seu Filho para realizar uma coisa maravilhosa em favor de toda a humanidade. Mais tarde, porém, seus ancestrais afastaram-se da verdade sobre o Filho de Koro. Com o tempo, eles esqueceram o que Ele havia feito pela humanidade. Desde a época do esquecimento, gerações sucessivas desejaram descobrir a verdade sobre o Filho de Koro. Mas tudo o que puderam saber foi que mensageiros viriam para repetir esse conhecimento esquecido e que eles seriam provavelmente brancos. Além disso, eles possuíam um tipo de tribo sacerdotal entre eles e um rito de passagem que começava com um batismo, devendo o batizado, depois disso, agir como uma criança, com humildade e à procura da retidão.

OS CHINESES E COREANOS: ambos os povos criam num deus supremo criador de tudo que não poderia ser representado por imagens, chamado em seus idiomas de *Shangdi* (o Senhor do Céu) e *Hananim* (o Grande), respectivamente. No caso dos chineses, por exemplo, a despeito das tentativas feitas pelos imperadores, confucionistas, budistas e taoistas de privá-lo cada vez mais do conhecimento do povo, Shang Ti continua a existir até hoje no pensamento popular.

OS GEDEOS: Nas montanhas da Etiópia, os gedeos compartilham uma crença no deus benévolo chamado Magano. Porém muitos deles estavam preocupados em apaziguar a ira de Sheit'na, então um gedeo chamado Warrasa Wange preocupado com essa idolatria, fez uma oração a Magano para que ele se revelasse a seu povo.

Logo após essa oração, Warrasa teve um sonho onde via dois homens brancos abrigados debaixo de um sicômoro (árvore da região), mas eles construía sob o sicômoro tetos que eram muitos brilhantes. Então ele ouviu uma voz que disse: “Esses homens trarão uma mensagem de Magano, o Deus que você procura. Espere por eles”.

8 – A BIBLIA CONFIRMANDO A OBRA.

O exemplo de compaixão de Cristo pelo centurião romano, a mãe siro-fenícia, o leproso samaritano, o endemoninhado gadareno, o general sírio Naamã, a viúva de Serepta, os homens de Nínive, dentre outros, atingiu o objetivo de anular o preconceito do coração dos apóstolos e motivá-los a ir até aos confins da terra.

A concessão em Atos 2 da capacidade milagrosa para falar em línguas “não-judaicas” seria supérflua se o propósito fosse conceder bênção apenas aos judeus.

Mesmo sabendo desta missão para as nações, os discípulos acomodaram-se em Jerusalém (At. 5,28; 6,7), e foi preciso Deus mandar uma perseguição para que houvesse uma dispersão (diáspora) para outras regiões longínquas, conforme Atos capítulo 8.

O etíope que ouviu a explicação de Felipe (At.8) e o centurião Cornélio que recebeu o complemento de sua fé por intermédio de Pedro (At.10) já demonstra a existência de outros povos na época que conheciam o Deus dos Céus, e Pedro, chega a admitir: “Jesus... Senhor de todos” (At. 10,36; 15,9,11,14). Paulo e Barnabé, constituídos como apóstolos dos gentios (At. 9,15; 13,1-3,46,47; 14,27), foram os que mais viveram esta experiência de forma plena e eficaz. O próprio Paulo revelava esta convicção de chamado missionário (Ef. 3,6; 2,14; Gl. 3,28).

Finalmente alguns discípulos reconheceram a necessidade de ir a outros povos e chegaram aos continentes europeu, asiático e africano e ali foram martirizados. Talvez a força motivadora maior tenha sido a destruição de Jerusalém por Tito, em 70 A.D. E o autor conclui dizendo: “Se representarmos o fator Abraão e reconhecermos o fator Melquisedeque com o dízimo de crédito por ele merecido, poderemos cumprir esta missão (RICHARDSON, 2008, pp. 213-229).

9 – CONCLUSÃO.

Conclui-se que a expressão “**Todos os caminhos levam a Deus**” levada ao colo religioso recebe neste artigo subsídios suficiente para ser afirmada como certa, verídica e irrefutável, e em consonância a palavra paganismo e suas derivações passa a ser utilizada não como forma de discriminar e depreciar, mas sim, como maneira de descrever determinado público sem onerá-lo a falácias depreciativas, cabe ressaltar que o presente assunto teológico visou desmistificar uma máxima empírica, e não está tratando do assunto salvação cujo caminho e direcionamento já está definido em “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim. (João 14:6)”.

De igual maneira, exalta-se a universalidade de Deus e a preparação de todas as nações para receber o evangelho como meio de doutrina e salvação.

Em geral as revelações de Deus para a humanidade narradas ao longo deste artigo enriquecem os acervos literários com relação às diversas culturas dos povos, impregnadas de elementos teológicos. Compondo em si um verdadeiro tratado missiológico e, portanto, de leitura indispensável para quem deseja desenvolver um diálogo inter-religioso numa cultura de paz, ou mesmo quem já está engajado nela de alguma forma.

O presente artigo possibilita uma visão geral e precisa do plano de Deus para a salvação de todos os homens e como ele trabalhou para executar o seu plano no decorrer da história, através de pessoas que ele escolheu. Mostra também um resquício do conhecimento de Deus na mente dos pagãos, um rascunho do seu plano de salvação, o qual Ele revelou também aos gentios, materializado nos costumes e práticas religiosos destes.

O termo ‘fator Melquisedeque’ para as revelações geral e especial de Deus foi muito destacado de forma bem criativa e teologicamente defendidos, com ricos detalhes e fatos, para demonstrar esta verdade nas culturas por todo o mundo.

Os testemunhos missionários, os pontos científicos e acadêmicos abordados, como também a visão panorâmica das Escrituras num prisma missiológico faz deste artigo uma fonte missionária indispensável a todos que estudam e vivem a teologia do diálogo inter-religioso e missionário.

10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo, Arte Editorial, 2005.
 2. CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de. *Igreja e desenvolvimento*. São Paulo, Cebrap, 1971.
 3. DURHAM, Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura*. São Paulo, CosacNaify, 2004.
 4. HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections: Culture, People, Places*. Nova York, Routledge, 1996.
 5. HOFFMAN, Dianne M. Culture and Comparative Education: Toward Decentering and Recentering the Discourse. *Comparative Education Review*. Chicago, v. 43, nº 4, pp. 464-88, 1999.
 6. KUPER, Adam. *Cultura, a visão dos antropólogos*. Bauru, Edusc, 2002.
 7. LAMBECK, Michael e BODDY, Janice. Introduction: Culture in Question. *Social Analysis*. New Milford, v. 41, nº 3, pp. 3-23, 1997.
 8. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999.
 9. PIERUCCI, Antônio Flávio. O retrovisor polonês. *Folha de S. Paulo*, 10 de abril de 2005.
- _____. Religião como solvente, uma aula. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 75, pp. 111-127, julho de 2006.
10. PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.
 11. PRANDI, Reginaldo. *Catolicismo e família*. São Paulo, Brasiliense, 1974.
 - _____. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1991.
 - _____. *Um sopro do Espírito*. São Paulo, Edusp, 1997.
 - _____. *Segredos guardados*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
 12. TEIXEIRA, Faustino. *Inculturação da fé e pluralismo religioso*. Rede Ecumênica Latino-Americana de Missiólogos, www.missiologia.org.br/artigos/15_incult.php, baixado em 6/9/2007.
 13. Richardson, Don - *O Fator Melquisedeque* – São Paulo, Ed. Vida Nova, 1986.
 14. BROWN, Raymond E. **The birth of the Messiah**. Doubleday: NY, 1993.
 15. ELLISON, H. L. Mateus. In: BRUCE, F.F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Vida, 2009.
 16. KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Atos** vol. 2. São Paulo, 2006. Ed. CulturaCristã.
 17. MOUNCE, Robert H. **Mateus**. São Paulo: Vida, 1996. (Novo comentário bíblico contemporâneo)
 18. NOWELL, Irene. Jesus great-grandmothers: Mathew's four and more. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 70, n. 1, p. 1-15, jan. 2008.
 19. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005, v.2,

20. RICHARDS, Lawrence O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. Ed. CPAD.
21. RICHARDSON, Don. **O Fator Melquisedeque**: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo. Trad. Neyd Siqueira. – 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
22. SCAIOLA, Donatella. **Mulheres migrantes ou estrangeiras**: re-intérpretes da fé de Israel. Disponível em: < <http://ebookbrowse.com/mulheres-migrantes-ou-estrangeiras-pdf-d47876580>>. Acesso em: 26/09/2012.
23. STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte, MG: Atos, 2008.
24. TENNEY, Merrill C.. **The New Zondervan Pictorial Encyclopedia o f the Bible**. 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974) vol. 4, pp. 177 -178.
25. Santos, Jorge Pinheiro dos. A substância católica e o fator Melquisedeque. Universidade Metodista de São Paulo (visitado em 29 de Dezembro de 2008).
26. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1705/1700>
27. <http://teologiaepaz.blogspot.com.br/2013/04/o-fator-melquisedeque.html>
28. <http://deusamouomundo.wordpress.com/2013/05/04/fator-melquisedeque-revelacao-geral/>
29. <http://confissoespastorais.com.br/biblecast/biblecast-37-fator-melquisedeque-o-deus-desconhecido/>
30. <http://juntaki.com.br/tkm/povos-do-deus-remoto-parte-iii-os-gedeos/>
31. <http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=04910>
32. <http://juntaki.com.br/tkm/povos-do-deus-remoto-parte-vii-ultima-parte-os-incas/>
33. <http://juntaki.com.br/tkm/povos-do-deus-remoto-parte-vi-os-atenienses/>
34. <http://juntaki.com.br/tkm/povos-do-deus-remoto-parte-v-os-santal/>
35. <http://juntaki.com.br/tkm/povos-do-deus-remoto-parte-iv-os-mbaka/>
36. <http://monergismo.com/forum/index.php?topic=552.10;wap2>
37. <http://www.bibliaonline.com.br>
38. <http://www.priberam.pt>
39. <http://mauriciobaccarin.wordpress.com/2008/04/02/o-fator-melquisedeque-seria-o-final-do-radicalismo/>
40. <http://www.sociedadeteosofica.org.br/pagina.asp?chamada=sociedade>
41. <https://sites.google.com/site/mitosgregossalgadofilho/concepcoes-greco-romanas>
42. https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_M%C3%A9traux

1 - NOTA

ⁱ 1“Por inculturando o processo ativo é designado a partir de dentro da mesma cultura que recebe revelação através evangelização e compreende e traduz a sua maneira de ser, de agir e comunicar. Com o processo de evangelização incultando a semente evangélica no solo da cultura é fundido. O germe de fé irá então desenvolver-se nos termos e de acordo com a natureza particular da cultura que o recebe. Porque inculturação é um processo de evangelização através dos quais a vida e a mensagem cristã são assimilados em uma cultura de modo que não só expressa através dos elementos de que a cultura, mas atingem também tornar-se princípio de inspiração e enquanto na força padrão e unificadora que transforma e relança recria esta cultura (Cf. Pedro Arrupe, catequese e inculturação: intervenção no sínodo de 1977. catequética News, 18, 1978). Por isso implica inculturação e sempre denota uma relação entre fé e cultura (s) (s), abrangendo todas as realidades da vida e da pessoa humana, em nível individual e da comunidade. Pela fé cristã é entendida aqui, não consentimento racional a um corpo de idéias ou doutrinas, nem organização religiosa sociologicamente identificável, um conjunto de crenças ou um sistema simbólico de rituais e disciplinas. Nós aqui a fé cristã como resposta existencial plena aceitação dada por uma pessoa ou um grupo do dom viva de Deus em Jesus Cristo. Por cultura queremos dizer não só a si mesmo (dados etnológico) grupo humano ou pode ser descrito fenomenologia respeito dele (dados etnográficos); não só a totalidade da ação humana sobre a natureza ou o estoque de criações do espírito humano e suas expressões de todos os tipos (arte, ciência e técnicas). Aqui vamos dar cultura como um todo sentidos e significados, valores e modelos, subjacente ou incorporados a ação e comunicação de um grupo humano particular ou sociedade e considerado por eles como seus próprios e diferentes expressões da realidade humana. "Marcelo C. Azevedo, inculturação, a teologia fundamental. Parte I: problemático. em: https://mercaba.org/DicTF/TF_inculturacion.htm,